

TRADUÇÃO: AS MUITAS PONTAS DO DELTA

Armando Rafael Castro Acquaroli¹

Resumo

A história da transmissão do texto bíblico pode ser comparada ao percurso de um rio. Embora haja somente uma só corrente que o percorre, seu fim é dividir-se em muitos braços. Tais braços do Delta vão muito além do que se pensava vendo o nascente olho d'água que deu origem ao caudaloso flúmen. Quando se traduz um texto, do mesmo modo, é preciso considerar as fontes das quais se parte. Uma vez verificado o texto com maior "autoridade", vem a parte da transformação dessa tradição em um vocabulário que seja útil à vida. E aqui se percebe o quanto os conceitos podem ser atualizados, de forma criativa, até o ponto de ultrapassar o significado do texto original (Ur Text).

Palavras-chave: *Tradição. Transmissão do texto. Tradução. Fontes diversas.*

Abstract

The history of the biblical text transmission can be compared to a river course. Although there is only one current in which it flows, its purpose is to divide itself in many branches. Such branches of the Delta go far beyond what it was thought seeing the rising eye water that gave rise to the mighty river. When someone translates the text, in the same time one should consider the sources from which one departs. Once checked the text with major "authority", comes the part of transformation of this tradition into a vocabulary that be useful to life. And here we realize how the concepts can be updated, creatively, until the point of overcoming the meaning of the Ur Text.

Keywords: *Tradition. Text transmission. Translation. Different sources.*

1. Nascido em Barra Velha-SC (1988), graduado em Filosofia pela Faculdade São Luiz – Brusque, SC (2009) e Teologia no Instituto Teológico de Santa Catarina – Florianópolis, SC (2014). Atualmente é estudante do Curso de Teologia Bíblica na Pontificia Università Gregoriana – Roma.

O povo de Deus desde que começou sua história como tal sempre se encontrou ao redor da Palavra. Primeiramente com as tradições orais que eram contadas de pai para filho, de geração em geração. Na maioria das vezes, tais memórias eram transmitidas sob a forma dialetal, que era língua conhecida por todos do clã, ou da comunidade a que pertenciam.

Com o tempo, porém, houve a necessidade de colocar isso por escrito, recolhendo as tradições e procurando transmiti-las de modo que fossem fiéis ao relato originário. Uma vez posto por escrito, porém, isso era copiado, e recopiado, sendo difuso inclusive nos lugares mais distantes de onde nasceu a primeira história. Como um rio caudaloso que contém muitas águas que confluem a esse formando um todo, em certo momento é preciso que essas se dividam. Tal ponto é o Delta, que recebe seu nome devido à semelhança com a homônima letra do alfabeto grego.

No entanto, quando tal texto chega a uma terra longínqua, encontra outras culturas com as quais, aos poucos, é preciso dialogar. Por exemplo, longe da pátria se fala outra língua, existem costumes diversos, muitas vezes antagônicos em relação aos “tradicionais”. Por isso, surge a necessidade de transmitir aquelas “categorias” dos ancestrais, utilizando um conceito anacrônico, de forma tal que seja possível compreendê-lo no novo contexto.

“Antes da cristalização do texto, as gerações se deixaram interpelar pela presença de um Deus singularíssimo (infinidamente distante e extraordinariamente próximo) e, dentro da própria história, meditaram o transparecer de outra história, de uma história *de salvação*. Essas gerações – de pai para filho, de comunidade para comunidade – transmitiram o que viveram, as tentativas de sucesso e aquelas falidas, os atos de obediência e as promessas recebidas, e além de tudo o seu significado dificilmente percebido além das mesmas mudas aparências de realidade. (...) E depois da cristalização do texto bíblico, as gerações nunca pararam (em tempos, lugares e modos diversos) de lê-lo e relê-lo. Mas também de transcrever os livros sacros, de interpretá-los e, além disso, de reescrevê-los: à luz do próprio tempo, das suas novidades e dificuldades específicas. Cada geração “reencarnou” na sua própria realidade o conto bíblico, procurando os sinais desta História de Salvação nos eventos do próprio tempo”².

Mas antes de tratar do “produto final”, que é a tradução, é preciso ter presente a fonte da qual se parte. E aqui surge uma primeira e não pequena dificuldade: De onde se deve partir? Qual é o “Texto original”?

2. BOURLOT, Alberto. *Immagini della Scrittura: 'Traduzioni' della Bibbia fra cinema e televisione*. Bréscia: Queriniana, 2002, p. 5-6.

Diversas fontes

A história da redação do texto é muito complexa e, por isso, não será desenvolvida neste ensaio. No entanto, ao menos para se ter uma noção, vale dizer que não um existe *um* texto original. Existem vários. Mas não temos acesso, até hoje, a nenhum deles. Todos são frutos de uma tradução ou, ao menos, de uma transcrição não raro pouco fiel.

Eis alguns exemplos. Somente do Antigo Testamento é possível individualar, ao menos, quatro formas diversas de texto.

1) O assim chamado texto *Proto-massoretico* é a primeira dessas fontes. Esse foi preparado por antigos eruditos judeus, antes que elaborassem uma “versão final” ocorrida na Idade Média, feita pelos *Massoretas* (TM). Não há acesso ao texto em si. Mas existem alguns testemunhos antigos que atestam a sua existência. Entre esses estão as traduções que vão do II ao VII séc. dC: a) o *Targum*, tradução aramaica baseada no texto *proto-TM* que pode ser datado em torno do II séc. dC; b) a versão siríaca (*Peshita*), começada no II séc. dC; c) as traduções gregas de Áquila, Símaco e Teodociano (do II séc. dC aproximadamente); d) a versão latina de São Jerônimo (*Vulgata*) do IV séc. dC; e) as revisões feitas da LXX como a *Hexaplar*, de Orígenes (seis colunas contendo seis diferentes traduções do mesmo texto, mas que se perdeu ao longo da história, restando somente fragmentos, e que remonta ao VII séc. dC).

2) Outra versão é a chamada *Septuaginta* (LXX), que é a uma tradução grega do Antigo Testamento feita em torno do II séc. aC. Além de sua lendária composição³, é preciso considerar que é uma escrita com um grego diverso dos “clássicos” antigos, como Homero, por exemplo. O texto é composto com o grego *koinê*, isto é, sem grandes complicações e com uma tendência a simplificar algumas estruturas complexas. Além disso, deve-se considerar que é uma linguagem muito *semitizada*, isto é, que colhe muitos de seus elementos do ambiente judaico. De fato, a *forma mentis*, as imagens, as ideias e as expressões são carregadas de traços semíticos⁴.

3. Segundo a Epístola de Aristeias, Ptolomeu Filadelfo queria construir uma grande biblioteca, na qual fossem contidos todos os livros do mundo. Deveria haver, por isso, inclusive a *Torah* dos hebreus. Assim, o sumo sacerdote Eleazar mandou uma cópia da *Lei*, escrita com caracteres dourados, junto com 72 rabinos (seis de cada tribo de Israel) para traduzir a obra. Isso foi concluído em 72 dias na ilha de Faro. Mas isso é considerado, ao menos pelos estudiosos mais respeitados, como uma lenda, sem fundamento histórico (cf. WEGNER, Paul D. *Guida alla critica testuale della Bibbia: Storia, metodi e risultati*. Traduzione italiana Teodora Tosatti e Davide Chiecchi. Milano: San Paolo, 2009, p. 215). Com o tempo, a tradução dos outros livros do AT em grego foi chamada com o nome genérico de LXX, não somente a *Torah*, como era no início.

4. Cf. MANNUCCI, Valerio. *Bibbia come Parola di Dio: Introduzione generale alla Sacra Scrittura*. Bréscia: Queriniana, 1981, p. 87.

3) Recentemente, uma descoberta casual⁵ mudou a história da exegese de modo significativo. Os *Manuscritos do Mar Morto (Qumran)*, encontrados em 1947, são datados desde o III séc. aC ao I séc. dC⁶. É interessante notar a grande variedade de formas de textos. Esses espelham tanto o TM e a LXX quanto outros modelos até hoje desconhecidos. É importante notar que, antes dessa descoberta, o texto mais antigo ao qual se tinha acesso era o *Codex Leningradensis* (1008 dC).

4) Enfim, o *Pentateuco Samaritano*, que prendeu sua forma provavelmente em torno do I séc. aC. Essencialmente é concorde com o Pentateuco do TM. No entanto algumas mudanças são significativas e denotam traços teológicos peculiares, ou ainda forte ideologia contra o Reino de Judá.

De qualquer forma, o acesso que se tem de todos esses conteúdos dos *codices* é bem limitado. Isso porque os fragmentos mais antigos do AT são do II séc. aC⁷, mas para os manuscritos completos é preciso esperar até o IV séc. dC, quando ocorreu a tradução da versão grega, e VIII séc. para os manuscritos hebraicos⁸.

Por outro lado, no que tange ao Novo Testamento, a história é diversa. Como o cristianismo se difundiu rapidamente, em pouco tempo também foram efetuadas muitas traduções e transcrições da Escritura⁹. Ora, com um número maior de manuscritos, ocorrem também muitos erros de uma cópia a outra. Muitas, de fato, são cópias rudimentares, que os monges e estudiosos antigos procuraram conservar, fazendo o melhor que estava ao seu alcance. No entanto, é possível individualizar três grandes *codices*, que são os usados na edição diplomática de Nestlé-Aland¹⁰: *Latino, Siríaco e Copta*.

Na versão latina existem dois subgrupos mais importantes: a) as antigas versões latinas (*Vetus Latina*), originárias do II séc. dC; b) a revisão dessa última

5. Diz-se que um beduíno andava nas proximidades do Mar Morto procurando pela sua cabra desaparecida. Ele, então, lançando uma pedra em uma das tantas cavernas dali, ouviu o rumor de algo que se rompe. Andando a fundo na questão descobriu que quebrara um vaso com uns “velhos rolos”, que logo foram vendidos num mercado próximo. Em pouco tempo se percebeu a riqueza encontrada por acaso. Logo buscas arqueológicas foram feitas na região encontrando cerca de 800 manuscritos antigos. Ali são contidos quase todos os livros do Antigo Testamento, ao menos em parte ou em fragmentos, inclusive os deuterocanônicos. Feliz cabra desaparecida que nos levou a tão grande descoberta!

6. Cf. WEGNER, 2009, p. 99-109.

7. Sem contar alguns amuletos de prata que contêm trechos da Escritura, dos quais o mais antigo remonta ao séc. VIII aC, contendo parte da bênção de Nm 6,22-27 (cf. WEGNER, 2009, p. 167).

8. Cf. JOOSTEN, Jan. La critica testuale. In BAUKS, M., NIHAN, C. (org.) *Manuale di Egesi dell'Antico Testamento*. Traduzione italiana Fabrizio Ficco. Bologna: Dehoniane, 2010. p. 16.

9. Existem mais de 500 manuscritos neotestamentários, desde pequenos fragmentos de papiro, até cópias quase completas, como o *Codex Alexandrinus*. Sua composição gira em torno do séc. II e III dC (cf. WEGNER, 2009, p. 286).

10. Cf. NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. 27 ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993, p. 63-72.

efetuada por São Jerônimo, em torno do IV ou V séc., e que ficou conhecida desde o período medieval como *Vulgata*.

Quanto à *Siriaca*, as quatro principais versões vão desde o III ao VI séc. Essas são caracterizadas por diferentes princípios de tradução, feitos em forma livre, desde uma tradução idiomáticamente correta até a fidelidade extrema ao texto grego, tornando a versão uma “violação” do sírio, usando a forte expressão de Nestle-Aland.

As versões *Coptas* (egípcias), por sua vez, são compostas com muitos dialetos, falados, sobretudo, em torno do III séc. Dentre esses, os mais citados, porque inteiros, são o *boairico* e o *saidico*.

E, além desses, pode-se citar outros manuscritos de menor importância, e os Padres da Igreja, cujas citações refletem um texto usado por eles.

Diante de tantas possibilidades, ao longo da história da crítica textual, foram desenvolvidos alguns princípios que servem de norma geral para identificar qual texto é mais próximo ao original. Esses vêm elencados com expressões latinas que aqui serão explicadas livremente. Vale dizer, porém, que, como toda regra, também esses princípios não são universais, mas contêm significativas exceções. Por isso, um estudo acurado deve levar em conta que cada texto comporta um mundo de significados que deve ser analisado individualmente.

O primeiro princípio é *Lectio difficilior praestat faciliori*: Quando se tem um texto “difícil”, isto é, cuja explicação é complexa, é preferível usá-lo em vez do texto mais fácil. Isso porque, ao longo da história, a tendência dos copistas é “simplificar” o texto, tornando-o mais compreensível.

O segundo é *Lectio brevior praestat longiori*: Diante de um texto longo e um breve, se escolhe o mais breve. De fato, a tendência dos copistas é acrescentar algo ao texto, muitas vezes com o fim de explicar, ou melhorar o significado. É pouco provável que alguém tente retirar algo do texto sacro, mas acrescentar é mais plausível. Por isso, quase sempre se usa o texto mais curto como base¹¹.

O terceiro princípio é *Lectio difformis a loco parallelo praestat conformi*. Isso se aplica aos textos que são paralelos na Escritura, como os livros de Reis e Crônicas. Para evitar que existam contradições na Bíblia, alguns tentam harmonizar as duas versões. Mas segundo a regra, devem ser preservadas as diferenças entre as tradições.

11. Vale notar, porém, como em alguns manuscritos o texto mais curto não é o mais antigo. É o caso, por exemplo, do famoso texto do profeta Jeremias. Nesse, o texto hebraico usado para a edição da *Vulgata*, de São Jerônimo, é 12% maior que o texto grego. Certamente, nesse caso, o texto hebraico é mais antigo (cf. BABO-TA, Vasile. Texto *The Vulgata in Church Tradition* apresentado na *Hellenic Bible Society* – Atenas, Grécia em 13/12/2014).

O quarto princípio é *Illa est genuina lectio, quae ceterarum originem explicat*. Quando existem variações, a lição que explica como essas nasceram tem a probabilidade de ser a versão mais original¹².

Não obstante a consulta de todas essas versões, do AT e NT, de seus princípios de escolha e todos os outros critérios formais, esse é somente o primeiro passo do grande processo de tradução. Após escolher o texto que parece ser o que comporta mais autoridade, deve-se começar a transmitir as categorias de outrora em categorias compreensíveis ao leitor de hodierno.

Para além do texto: a invenção do conceito

Muitas vezes quando se faz a tradução é difícil exprimir alguma expressão com outra equivalente. E aqui surgem justamente os gênios que são capazes de mudar uma categoria em outra, conservando, ou ampliando, o significado. E também há os que, com culpa ou inocentemente, incorrem em erros absurdos.

Ora, tais “novos conceitos”, outrora desconhecidos ao “prototexto”, são fruto do desenvolvimento e atualização da Palavra de Deus. Isso não significa necessariamente que seja algo objetivamente ruim¹³. Na verdade, pode-se dizer que aqui reside a evolução do texto, no sentido que consegue atingir as realidades mais longínquas. Eis por que a palavra é sempre atual!

A história das Escrituras é também, desde sempre, uma história de re-Escritura. De fato, escritura e re-Escritura se confundem e se intersectam tanto no processo secular de decantação do texto bíblico quanto no seu “uso”, igualmente secular. A tradução é uma passagem na qual se deve considerar o fato que nós como leitores, ou espectadores da “tradução”, não somente não conhecemos a língua do texto original (hebraico, aramaico e grego), mas, sobretudo, não partilhamos do mesmo modo de representação do mundo, que era o patrimônio dos autores e, em parte, dos que desfrutavam do texto original. (...) [a obra de interpretação é capaz] de colocar o original intimamente em confronto com uma realidade nova, permitindo liberar significados que antes estavam escondidos. Permitindo enriquecer o sentido sem ser infiel a si mesmo, simplesmente colocando à prova um novo horizonte que funde as condições originárias com novas condições¹⁴.

12. Um caso concreto é o de 2Sm 9,7-11. A expressão “minha mesa” (*šulḥanî*) é usada três vezes. Mas em uma delas o pronome possessivo deveria ser mudado da primeira à terceira pessoa. Ora o texto Massorético traz “minha mesa”, mas outras versões tentaram corrigi-lo usando, por exemplo, “tua mesa”, ou “sua mesa”. Nesse caso, fica patente a tentativa dos copistas de melhorar o texto, mas de qualquer forma se conclui que o texto original continha um erro.

13. Comumente se usa o jogo de palavras italiano segundo o qual *traduttore è traditore*, “tradutor é traidor”, ressaltando o aspecto negativo da mudança conceitual.

14. BOURLOT, 2002, p. 26-27.

Em outras palavras, isso pode ser sintetizado com a significativa expressão do Sl 62,12: “*Uma palavra Deus falou, duas ouvi*”. Nesse sentido, é pertinente observar, somente à guisa de exemplo, como isso acontece concretamente¹⁵.

Pode-se começar com a primeira grande obra de tradução, isto é, quando se passou do hebraico à LXX. Na versão grega de Áquila, em Gn 1,1, “*Berešit*” (no princípio) é traduzido em modo curioso. Vale dizer que tal raiz pode ser dividida, resultando “*be*” (em) e “*roš*” (cabeça). Assim, Áquila traduz *Berešit* por “*En kephalaio*” (na cabeça). Seu objetivo parece ser o de transmitir o maior número possível de detalhes sobre o texto usado para a tradução, usando um *literalismo*. Isso resultou em uma estranha e incorreta tradução, mas que deixa um testemunho útil a respeito do texto sobre o qual ele se baseava.

Já em relação ao Novo Testamento, existe a mudança da língua grega clássica ao *koinê*, conforme nota Passoni dell’Acqua¹⁶: a) do ponto de vista morfológico observa-se, por exemplo, o desaparecimento do dual e, de modo geral, a confusão entre dualidade e pluralidade (*amphóteros* empregado para indicar mais pessoas, a adoção de comparativos em vez de superlativos, que cada vez mais caem em desuso); b) a passagem de alguns nomes da II à III declinação (*noûs* e *plouís*) em analogia com *Boûs*); c) a presença de irregularidades na flexão da III declinação (o acusativo *pleîn* usado nos papiros e no Apocalipse como *pleída*); d) o aparecimento de novas formas de comparativos (*elachistóteros* comparativo de um superlativo) e novos gêneros de substantivos (*tò nikos* ao lado de *he níke*).

Segundo o supracitado autor, o verbo não mostra maiores mutações: mudança entre I aoristo e segundo, desaparecimento de desinências do imperativo, formação de novas formas de perfeito e aoristo (*gregoréo* de *egrégora*, perfeito de *egeíro*). E no campo lexical nota-se a evolução semântica de vocábulos já presentes na língua clássica e cujo significado se modificara (*adelphós*, ‘irmão, companheiro de fé’), a passagem a termos técnicos de palavras de acepção comum ou técnica em âmbito diverso (*leitourgía*), a extensão de significado de um termo hebraico ou aramaico ao grego escolhido como correspondente (*tá ethne*, os diversos de Israel, e *ho laós*, o povo por excelência).

Nessa passagem os exemplos poderiam se multiplicar *ad nauseam*. Poder-se-ia, por exemplo, analisar as palavras que não existiam *realmente* na origem, somente como *significado* (como o “*sim*”, que não existe em hebraico, e que vem “traduzido” como “*nai*” em grego). Ou ainda como mudou totalmente o significado de algumas palavras, como *Torah*, traduzida com certa precisão ao

15. Os modelos que serão apresentados a seguir foram escolhidos ao acaso, com o único intento de ilustrar o raciocínio, sem pretensões exaustivamente cabais.

16. Cf. PASSONI DELL’ACQUA, Anna. *Il testo del Nuovo Testamento: Introduzione alla critica testuale*. Torino: Elle Di Ci, 1994, p. 44.

grego *Nomos*, mas que foi deturpada com o latim *Lex*. Mas isso levaria este trabalho em outra direção.

Outro exemplo que interessa mais de perto a este ensaio é em relação ao vocábulo “saudade”. É muito difícil exprimi-lo em outras línguas, não havendo um seu equivalente. Mesmo que alguns tentem usar “nostalgia”, essa não contém a profundidade do termo original. Não obstante tal peculiaridade luso-brasileira, essa expressão já serviu para traduzir os verbos *ksp* (desejar¹⁷), em Gn 31,30, e também *zkr* (recordar), no Sl 137,1. Ambos os termos hebraicos contêm algo que exprime a “saudade”, mas não são completos. Aqui fica claro, portanto, que o termo lusitano foi além do prototexto, ampliando seu significado, colocando-o em uma categoria que é já uma atualização do conceito primevo.

Um dos grandes mestres latinos, Cícero, contando que traduzira alguns discursos, explica: “Eu não os traduzi como um intérprete, mas como um orador (non converti ut interpres sed ut orator), mantendo as mesmas ideias e as formas como costumavam dizer, as ‘figuras’ de pensamento, mas em linguagem que se adequa ao nosso uso. Fazendo isso, eu não precisei traduzir palavra por palavra (*verbum* e verbo), mas eu preservei o estilo geral e a força da linguagem”¹⁸. Talvez seja esse um caminho a ser imitado pelos modernos tradutores.

Mas existe também a transformação do texto sacro em algo com significado longe de ser “sacro”, o que não o diminui, mas o enriquece. Como não maravilhar-se com a canção “*By the rivers of Babylon*”, cantada por Boney M., no fim dos anos 70. A tradução, com trechos do Sl 137, transformou a desaparecida melodia original, dantes usada pelos compositores primitivos, em uma canção romântica, a cujo som se dança e canta em um ritmo certamente desconhecido ao Saltério de Davi. Ou ainda, como não encher-se de estupor diante das interpretações de contos bíblicos, transformando o original em algo completamente diferente nos filmes¹⁹.

Mas talvez as melhores “traduções” da Bíblia tenham sido feitas na literatura. É muito comum se encontrar, nos assim chamados “clássicos da literatura”, temas relacionados à História da Salvação. Um dos muitos, talvez um dos melhores de nosso tempo, foi C.S. Lewis, em sua obra-prima “*The Chronicles of Nar-*

17. Cf. ZORELL, Franciscus (org.). *Lexicon Hebraicum et aramaicum Veteris Testamenti*. Roma: Pontificium Institutum Biblicum, 1968, p. 367.

18. JINBACHIAN, Manuel. *Introduction: the Septuagint to the vernaculars* (History of Bible Translation). Edited by Philip Noss. Roma: Storia e letteratura, 2007, p. 31.

19. Cito somente os mais recentes filmes: “*Noah*”, dirigido por Darren Aronofsky, ou “*Exodus: Gods and kings*” de Ridley Scott, ou ainda a Trilogia de “*Hunger Games*”, baseado nos livros de Suzanne Collins. Em todos, e muitíssimos outros, estão presentes as metáforas, histórias e mensagens bíblicas. Muitas vezes, porém, esses são deturpados, mas é a forma que foi encontrada de traduzir o texto em linguagem atual ampliando a significação original.

nia”. Com símbolos sutilíssimos, o genial escritor irlandês reinventa as histórias judaico-cristãs²⁰. Exemplos como esse fazem com que o texto seja sempre vivo e portador de vida.

Nesse sentido, o princípio defendido por Alter parece ser ainda bastante útil: “O processo de criação literária (...) é uma dialética crescente entre a necessidade de usar formas estereotipadas para poder comunicar coerentemente e a necessidade de infringir e recompor tais formas, porque essas se apresentam como construções arbitrárias e o que é simplesmente repetido, em modo automático, não é mais veículo de mensagem”²¹.

Como se percebe, o texto, quando vem traduzido, não é somente empobrecido, mas enriquecido. O que parecia uma cruel serra que corta a vida de uma árvore transformando-a em algum objeto, na verdade era somente uma poda. Essa fez com que os galhos antigos crescessem sempre mais vigorosos, expandindo-se sempre mais, num processo que está longe do seu término.

Conclusão

Diante de tantas possibilidades, vale sempre lembrar as belas palavras de São Paulo: “*Vós sois uma carta de Cristo, não escrita em tábuas de pedra, mas em nossos corações*” (cf. 2Cor 3,3). Por isso, a significação que deve ser dada aos textos, ampliando seu significado, deve vir da vida do fiel. Sem isso, a Escritura é somente “letra morta” que serve a ser dissecada e estudada sem levar a um comprometimento com a realidade. Por isso, ao mesmo tempo que se deve estar sempre ligado à fonte da qual se parte, é preciso do mesmo modo considerar que tal fonte se alarga sempre mais. Como o delta de um rio.

O delta do Nilo, por exemplo, outrora um grandíssimo e poderoso deus, cultuado desde vetustos tempos, se divide em diversos braços que irrigam suas margens. E nessas paragens fecundas abundam os papiros. Uma planta curiosa que a genialidade humana foi capaz de transformar em instrumento no qual são escritas e transmitidas as Palavras sagradas.

Por onde o rio passa produz vida. Seus caminhos são tortuosos, é verdade, mas levam consigo a água da vida, que lava a terra seca e a fecunda. O mesmo

20. Através de um romance, a criação do mundo é descrita com a belíssima imagem de um leão cujo canto produz vida. Essa foi uma brilhante forma de expressar a palavra performativa de Gn 1. Além disso, o sacrifício de Jesus, que no livro é figurado com um leão, é plasticamente representado através de sua entrega espontânea ao martírio. Mas Ele ressuscita, tendo como testemunhas as mulheres. Ou ainda pode-se ver a re-criação do “Novos céus e nova terra” (Is 65,17), com a Jerusalém celeste mais magnífica que nunca. Enfim, pode-se dizer que é uma obra memorável de “tradução”.

21. ALTER, Robert. *L'arte della narrativa biblica*. Traduzione italiana Enzo Gatti. Bréscia: Queriniana, 1990, p. 83.

ocorre com a tradução da Palavra de Deus. Seus braços, que vêm da única fonte, Deus, vão aos mais recônditos lugares do coração humano. E mesmo que esses filetes estejam longe da sua origem, continuam a fazer parte do mesmo e único Delta.

Endereço do autor:
Rua Ipiranga, 227 – Centro
Barra Velha – SC
CEP 88390-000
armandoacquaroli@hotmail.com